D'ART
ESPAÇO
arte e cultura

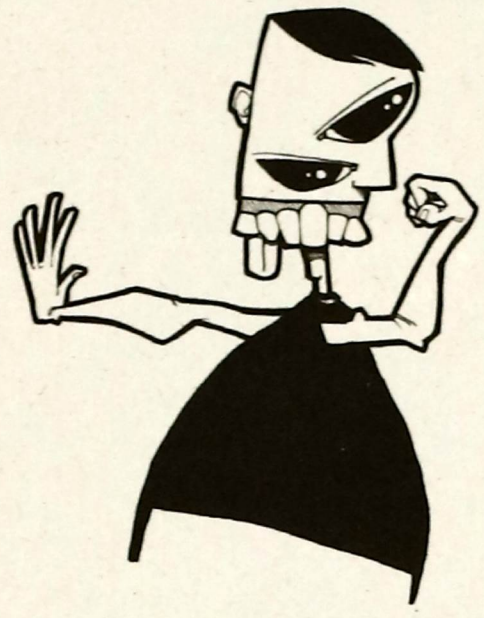
3

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO
SETEMBRO 2004

editorial

1,2, 3... O melhor que nos pode acontecer é uma boa história.
Disso ficamos à espera a cada D'Artespaço.
Bom e que, neste caso, se cumpra a tradição e que quem conta o conto lhe acrescente um ponto. E se o ponto for atrevido e irrequieto, como convém, e se puser a dançar de um lado para o outro, logo a história se contará por linhas e passaremos a chamar-lhe desenho. Ora, também pode acontecer que nestas andanças o ponto se chateie ou se apaixone, se espante ou se aborreça e que, com estas mudanças de humor, o desenho se encha de cores.
Bem, para pôr um ponto final nesta brincadeira diremos que esta multiplicidade de formas nos enriquece e que um ponto de vista será tanto mais interessante quanto mais se apoiar nesta diversidade. Por isso este jornal, o terceiro, continua a homenagear e dar espaço à poesia, à música, à fotografia, à pintura e por aí adiante que é como quem diz

... três pontinhos.



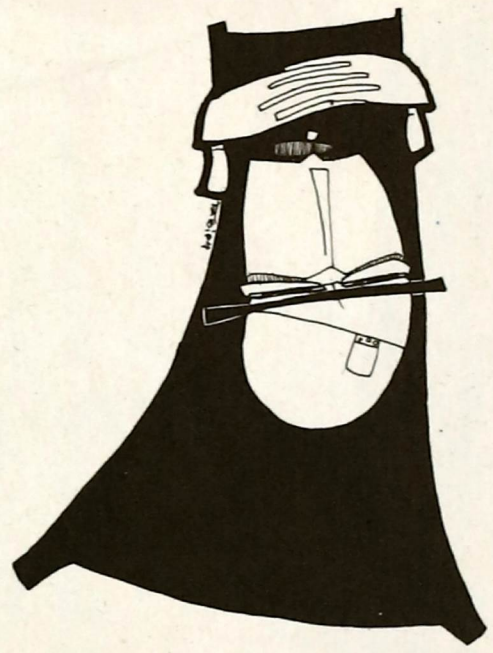
FÁBIO MARTINS

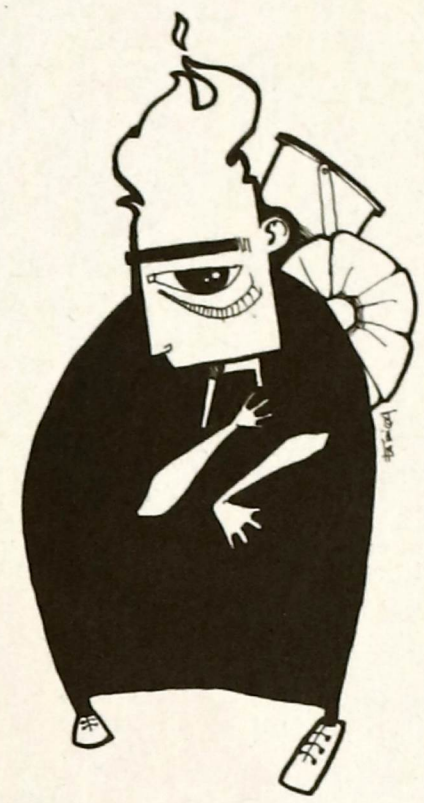
ilustração

INTERESSA-ME, SOBRETUDO, O PROCESSO DE CRIAÇAO

Fábio Martins, nasceu em Espinho a 31 de Outubro de 1984, rachou a testa aos quatro anos de idade e, aos seis ou sete anos, o queixo. Como nenhum destes incidentes envolveu o lápis, sempre desenhou.

D'Artespaço – É muito comum dizer-se que uma imagem vale mais do que mil palavras. Tu concordas?
Fábio Martins - ... Isso vai depender das mil palavras e da imagem... primeiro pelo pressuposto de que tanto a imagem como as palavras partem da linguagem, as palavras partem da linguagem verbal, e a imagem parte de uma linguagem de interligação entre os símbolos artísticos, e o modo como as figurações funcionam dentro da "obra".
D'A. – Há um pouco a ideia de que uma imagem é mais universal do que a palavra...
F.M. – Depende da imagem.
D'A. – Eu por exemplo não sei nada de Alemão mas considero os expressionistas Alemães muito expressivos...
F.M. – Mas eles fazem parte de um universo artístico Europeu, fazem parte da tua cultura visual. Tu dominas a linguagem visual dos Alemães, não é? Sei lá... provavelmente "a imagem valer mais do que mil palavras" é mais uma afirmação cliché, é mais um comodismo ideológico do que uma verdade. É mais confortável, mas ao mesmo tempo mais "inibidor" porque não nos deixa ver muito além... Não existem dogmas... sim e não... (risos) ou seja , dizer que a imagem, funciona universalmente, é... uma separação da realidade. Por exemplo... Klimt... eu não conheço assim tanto sobre a vida de Klimt, mas gosto bastante da obra dele e acho que consigo vibrar com ela. Há um cem número de coisas, que também fazem parte da minha cultura, e que de certa maneira me conduzem, mesmo que inconscientemente, para a obra e provocam uma experiência estética...
D'A. – Voltando ao principio... Não achas que a imagem seja mais importante que a palavra...
F.M. – ... Não acho mesmo... dentro de um campo narrativo a literatura é de longe , mais eficaz do que a pintura ou do que a imagem.
D'A. – Os teus desenhos contam histórias? Tu conversas com os desenhos...
F.M. – Para te ser sincero a maior parte das vezes quando eu começo a desenhar não faço a mínima ideia do que estou a fazer.
D'A. – Não pensas primeiro, e desenhas depois?
F.M. - Acontece pontualmente (risos)... Imagina se eu quero fazer uma coisa como aconteceu quando me convidaram para aquilo do Cinanima, para a ilustração ou mesmo aqui para o jornal da capa... Provavelmente penso primeiro... mas a maior parte do meu desenho diário não é pensado, não é filtrado cerebralmente. Enfim quanto mais não seja inconscientemente, estou sempre a contar coisas.
D'A. – Ensaias diariamente o desenho?
F.M. – Sim.
D'A. – Também andas numa escola...
F.M. – Ando numa escola, ando na ESAP a fazer Arte e Comunicação.
D'A. – Recomendas ? Vamos pensar que algum leitor do D'ARTESPAÇO está a pensar ir para arte e comunicação...
F.M. – Eu acho que qualquer ensino académico serve para adquirir conhecimento e isso é bom... Mas acho que não deviam empregar pessoas só porque elas têm cursos... sei lá. É porreiro porque dá mais escalão e ... tem as suas vantagens... É exactamente isso... cursos servem para ter cursos...
D'A. – A escola é apenas um dos meios de aprendizagem?
F.M. – Sim e acho quer os cursos têm um preço demasiado alto... não a nível monetário mas a nível pessoal e a nível de crescimento pessoal. Acho que os cursos são mais castrantes do que libertadores.
D'A. – Essa é forte!
Projectos para o futuro?
F.M. – A mim interessa-me produzir arte e envolver-me nessa prática artística, mais do que quero ser ilustrador ou pintor, ou músico... e aliás tento encarar a produção artística da maneira mais humilde possível. Os projectos que agora tenho delineados, são acabar o curso e o FEST, porque são aqueles que já estão em curso.





D'A. - O FEST vai-se fazer outra vez este ano? Já se sabe a data?
F.M. – Março... na semana das férias da Páscoa.
D'A. - Fica já aqui o convite.
F.M. - Para mim a prática artística é um modo de estar na vida, é uma prática comum, é uma coisa que faço normalmente e que sei lá...
D'A.- Mas era bom poderes ganhar dinheiro com isso...
F.M. – Claro, obviamente. Mas usar isso de uma maneira mercantil não é bem o meu propósito... Acho que ter dinheiro é bom para não termos de preocuparmo-nos com ele. Mas não me importo nada de trabalhar sobre encomenda, acho sempre interessante, mas não queria ter necessidade de o fazer.
D'A - Há relativamente pouco tempo acabei de ler um livro muito interessante exactamente sobre a prática artística que começava assim "Mostre-me você outra maneira de ver o mundo" Achas que a arte é sempre um nosso particular e diferente de ver o mundo?
F.M. – Claro, tão simples quanto... sei lá o meu processo cognitivo é diferente mesmo da minha família que existe no mesmo espaço que eu e com quem eu estou muito tempo .. a maneira como vemos o mundo é diferente.... sei lá, a realidade nesse sentido não existe, são tudo interpretações... A visão que eu tenho do mundo é restrita e todas as pessoas variam nessa percepção que têm do mundo. Por consequência, obviamente que fazer arte, mostrar e encontrar processos e maneiras de figurar e simbolizar a maneira como vemos o mundo é completamente pessoal. Por isso é que também a música me encanta bastante. O facto de várias pessoas conseguirem criar um universo, conseguirem criar um mundo novo é bastante... interessa-me mesmo muito, é bastante enriquecedor.
D'A. – Também a mim. Por curiosidade porque é que o teu *nick* é lula assassina?
F.M. – Porque eu sou "alérgico" às lulas (risos) Acho que se comesse uma lula morria ..

GRUPO CULTURAL
E RECREATIVO
semente

Vir a banhos

S. Martinho

Festa das ovelhas

Janeiras

foi em 1977 que um grupo de jovens de Anta sentiu necessidade de ocupar os seus tempos livres de uma forma salutar, fundando, em Outubro desse ano, o Grupo Cultural e Recreativo Semente que é, desde há vários anos, membro da Federação do Folclore Português.

Fundou uma secção Etno-folclórica recolhendo, junto das pessoas mais idosas de Anta, usos e costumes dos mais antigos. Quando faziam a colheita do milho, as pessoas juntavam-se para o desfolharem e, no final, cantavam e dançavam. Outra das tradições era juntarem-se nos pelourinhos ou nos terreiros, aos Domingos, à tarde, cantarem e dançarem. Por outro lado, quando se deslocavam às romarias, tais como a Senhora da Saúde, nos Carvalhos, o Senhor da Pedra, em Miramar ou o S. Martinho de Anta, iam cantando pelo caminho e, após o almoço, cantavam e dançavam. É a essas danças e cantares que o Grupo Cultural e Recreativo Semente procura ser o mais fiel possível.

Levantou tradições já esquecidas como as Janeiras e as Rusgas ao S. Martinho de Anta.

Recentemente fundou a secção de Artes Tradicionais, com o objectivo de salvaguardar e dar a conhecer as artes e ofícios tradicionais.

Como na altura em que foi fundado, as pessoas precisavam deslocar-se a Espinho para serem atendidas por um médico, os elementos do Grupo criaram a secção de Saúde que, ainda hoje, mede a tensão arterial às pessoas que o desejarem, no final das eucaristias de Domingo, quer no Salão Paroquial de Anta, quer nas Capelas dos Altos Céus e da Idanha.

Procurando manter o espírito com que foi criado, colabora de forma gratuita com a comunidade, sempre que é solicitado, animando Festas aos Idosos e Crianças, e colaborando com outras instituições ou entidades participando em diversos eventos, tais como: Feira das Colectividades; Vir a Banhos; Pluridanças; Circunstâncias ...

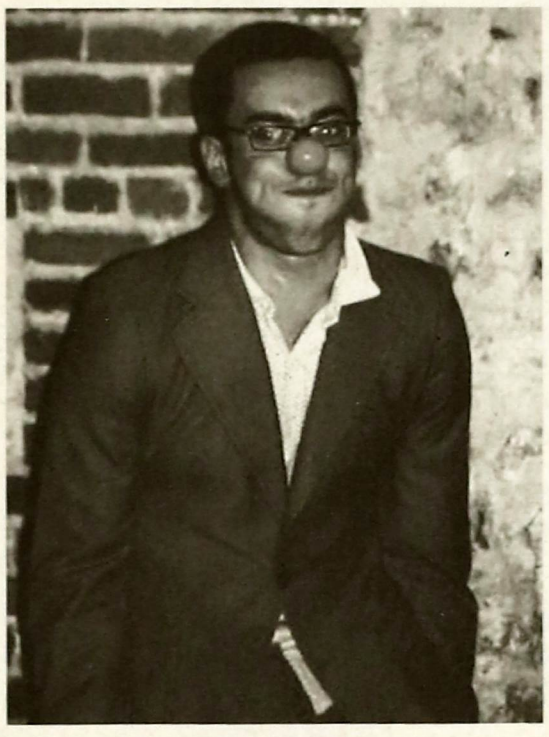
Por outro lado organiza também actividades que envolvem a comunidade como o A.T.L. de férias que levou as crianças a actividades cívicas; os Minijogos sem barreiras que, anualmente, conta com a participação de várias escolas do Concelho e, para os quais tem a colaboração da Câmara Municipal de Espinho...

Festa das colectividades

UNS OLHOS E UMA BOCA
DO TAMANHO DO mundo
E UM NARIZ VERMELHO

DIOGO, 25 ANOS, ACTOR, ENCENADOR, PALHAÇO.

Comecei o meu percurso teatral em Espinho, no Teatro Popular de Espinho. Em 98, depois de uma breve passagem por Engenharia Civil, fui estudar Interpretação para a Academia Contemporânea do Espectáculo, onde tive a oportunidade de trabalhar com António Capelo, Rogério de Carvalho, Alan Richardson, Kuniaki Ida, Joana Providência, The Natural Theatre Company, entre outros. Nessa altura participei em vários espectáculos de Teatro, Clown e Dança Contemporânea. Em 2001 enceno o meu primeiro espectáculo, "Um Ensaio no Circo" para o T.P.E., onde bastante inocente pude explorar o pouco que sabia sobre a minha paixão, o Clown. Nesse mesmo ano tive a oportunidade de em França fazer um workshop sobre o Clown com Sophie Gazel e Pablo Contestabile, discípulos de Philippe Gaulier. Sou convidado para fazer parte da Companhia Theatre Organic onde faço o espectáculo " Où va la lumière quand il fait noir" dirigido por Sophie Gazel. Recentemente encenei juntamente com António Paiva "O Inspector Geral" de Gogol no T.P.E. e, para a companhia catalã La Banda, o espectáculo de Clown "Máximo Riesgo".



EU E O PALHAÇO

Todos nós quando somos crianças nos cruzamos com um homem de roupa estranha, bastante colorida, de peruca amarela, cara pintada, com a voz mais ou menos esganiçada e uma batata encarnada a tapar o nariz. Provavelmente o seu objectivo era fazer-nos rir. Eu tive medo e, durante muito tempo, afastei-me desta imagem grotesca do palhaço que me foi apresentada. Não o conseguia compreender...
Mais tarde, já eu adolescente, dei por mim a dar uma atenção especial aos filmes mudos do Charlot, do Buster Keaton e do Bucha & Estica, sem nunca fazer a associação com aquela figura que me aterrorizou quando criança. Não estavam maquilhados, não tinham a batata no nariz e contudo faziam coisas incríveis com o corpo nas situações mais absurdas. A semente estava lançada... Já na Academia tive a oportunidade que iria mudar a minha vida, um projecto de Clown (como tecnicamente se insiste dizer) com Alan Richardson, um inglês louco apaixonado pela vida, que me fez descobrir O Nariz Vermelho, a mais pequena máscara de todas. Descobri uma Arte: O Palhaço!
Este é o Palhaço que nasceu no Circo e saltou para o Palco de Teatro, mantendo a mesma energia, a mesma generosidade, a mesma tragédia. Sim, o Palhaço é uma personagem trágica, bela e grandiosa, pessoal, única, não há dois iguais... Não pode haver. Há tantos Palhaços como pessoas no mundo, a maior parte à espera de despertar, de se mostrar e sair à rua e gritar para todo o mundo ouvir "ESTOU VIVO!!!". Ser Palhaço é ter uma visão muito pessoal do mundo e ter a generosidade de a mostrar, por mais absurda que seja; é amar a Humanidade e esperar um sorriso em troca; são uns olhos e uma boca do tamanho do mundo, e um nariz vermelho que aponta directamente para o que de mais belo temos dentro de nós; é uma gargalhada depois duma loucura e é uma lágrima quando nos apercebemos que estamos sozinhos perante um público que está disposto a baixar as armas e a gostar de nós; é "dar o litro!!!" e receber um aplauso; é carregar uma tragédia do tamanho do mundo com um sorriso nos lábios e dar a volta por cima no último momento; é nunca desistir, seguir em frente; enfim, é estar vivo!
Este é o meu Palhaço! E ainda o estou a descobrir. Só espero parar aos 154 anos quando me cair um meteorito em cima e depois de esmagado nem os olhos puder mexer!

Diogo Lopes

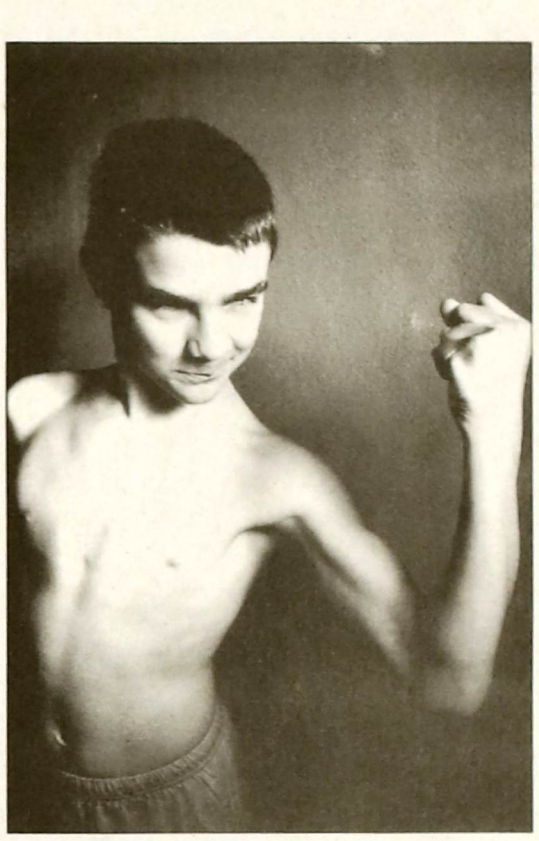
JOÃO PÁDUA

fotografia

À PROCURA DE UMA POESIA VISUAL

João Emanuel Pádua, nascido a 17/09/77 em Setúbal.

- Começa a caminhar sozinho tardiamente com quase 2 anos de idade.
- Aos 3 anos, obcecado por automóveis, perde-se durante várias horas no parque de estacionamento do Aeroporto Pedras Rubras.
- Com 7 anos recebe no aniversário um boneco He-Man.
- Com 8 anos fuma o 1º. cigarro.
- Aos 13 anos dá o primeiro beijo e tem o primeiro desgosto amoroso..
- Aos 15 anos vive com a ideia que não é humano e convicto de que extraterrestres o iriam buscar.
- 16 anos, apanha a primeira bebedeira.
- Ainda aos 16 tentam impingir-lhe o mundo da fotografia, mostrando como bonito seria fotografar "pores-do-sol" e moliceiros, ao qual reage com uma certa relutância.
- Aos 19 anos andava perdido sem saber o que fazer com a vida (não mudou entretanto).
- Aos 21, sentado numa mesa do "Nosso Café" decide em 5 minutos que sentido iria tomar sua vida nos próximos anos e para surpresa dos pais, decidiu o Bacharel em Fotografia na E.S.A.P.
- Aos 22 anos conheceu o trabalho de Ralph Gibson e começou então a paixão pela Fotografia.
- Com 25 anos conclui a Licenciatura em Fotografia na E.S.A.P. onde teve várias vivências que o influenciaram de sobremaneira; começa a trabalhar pontualmente como free-lancer.

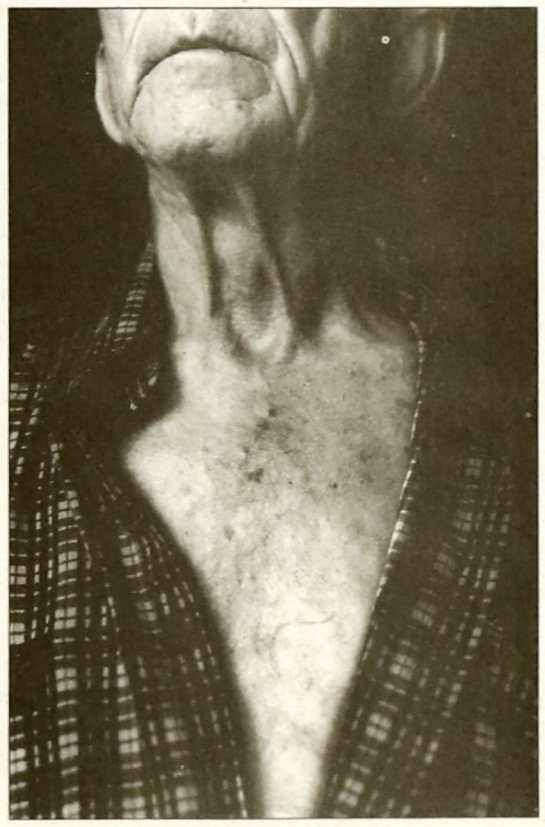


- Com 26 anos ainda procura um rumo e uma poesia visual para o seu trabalho.
- Na véspera de concluir 27 anos de idade escreve este "texto" às 8:05 da manhã, sem ter dormido um pouco que fosse.

João Pádua

"...Durante uma fracção de segundo, talvez, experimentei a lucidez absoluta que, segundo se diz, é dada conhecer ao epiléptico. Nesse momento perdi por completo toda a noção de tempo e espaço: o mundo desenrolava o seu drama simultaneamente, ao longo de um meridiano que não tinha eixo. Nesta espécie de eternidade suspensa da mínima pressão senti que era tudo justificado, supremamente justificado; senti as minhas guerras interiores, que tinham deixado ficar atrás de si esta polpa e esta ruína; senti os crimes que fervilhavam e emergiriam amanhã com ruidoso estridor; senti a miséria que se esmagava num almofariz, a longa e melancólica miséria que se esvai em lenços sujos. No meridiano do tempo não há injustiça: há apenas a poesia do movimento a criar a ilusão de verdade e do drama. Se em qualquer momento e em qualquer parte nos encontramos cara a cara com o absoluto, a grande simpatia que fazem parecerem divinos homens como Gautama e Jesus esfria; o monstruoso não é que homens tenham criado rosas a partir de um monte de esterco e sim que, por qualquer razão, tenham querido rosas. Por qualquer razão, o homem espera o milagre, e para o conseguir é capaz de abrir caminho atolado em sangue. Corromper-se-á com ideias, reduzir-se-á a uma sombra, se ao menos durante um segundo da sua vida puder fechar os olhos à hediondez da realidade. Suporta-se tudo – desgraça. humilhação, pobreza, guerra, crime, ennui – na crença de que da noite para o dia acontecerá qualquer coisa, um milagre que tornará a vida tolerável. E entretanto um contador funciona interiormente e não há mão alguma que lhe possa chegar e desligá-lo..."

Henry Miller – Trópico de Câncer



DE **PAR** **EM** PAR

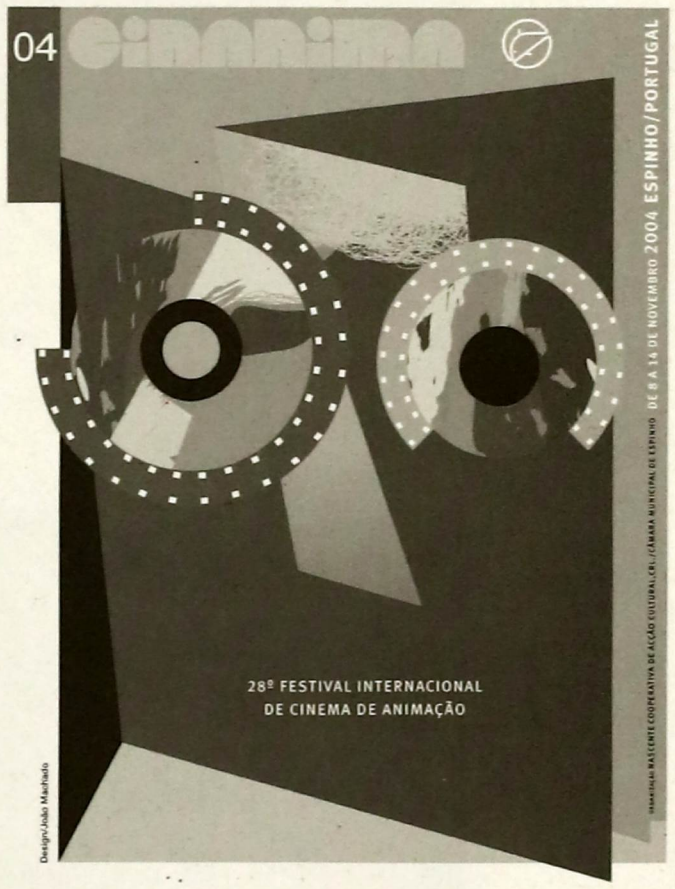
Com inicio em 2002, e no sentido de aprofundar as dinâmicas iniciais com os Saraus Culturais, está a decorrer o projecto DE PAR EM PAR que quer ser um desafio aos agentes culturais locais para que se estabeleçam parcerias e realizem espectáculos conjuntos.

Estas iniciativas pretendem ser uma janela aberta DE PAR EM PAR sobre o trabalho realizado pelas colectividades e outros agentes culturais e visam promover o alargamento de públicos a novas formas artísticas e expressivas.

Neste âmbito realizaram-se já diversos e interessantes espectáculos que, deste modo, aliaram a dança ao teatro, a poesia à música, a música e a dança, e que contaram com o apoio logístico e pequenos apoios financeiros para aquisição, de figurinos, adereços ou outros materiais necessários à construção do espectáculo.

O desafio mantêm-se, esperam-se propostas...

Vem aí o Festival



D'ART ESPAÇO desafios

ONDE O OLHAR SE PRENDE

A Câmara Municipal de Espinho promove o concurso de fotografia - "ONDE O OLHAR SE PRENDE" que tem como objectivo incentivar a produção fotográfica enquanto modo privilegiado de comunicação e expressão.

1. Podem participar no "ONDE O OLHAR SE PRENDE" todos os interessados com idade igual ou superior a 16 anos.
2. Espinho , mar, cidade e freguesias,é o tema obrigatório deste concurso.
3. Cada participante poderá apresentar um máximo de 3 fotografias por secção.

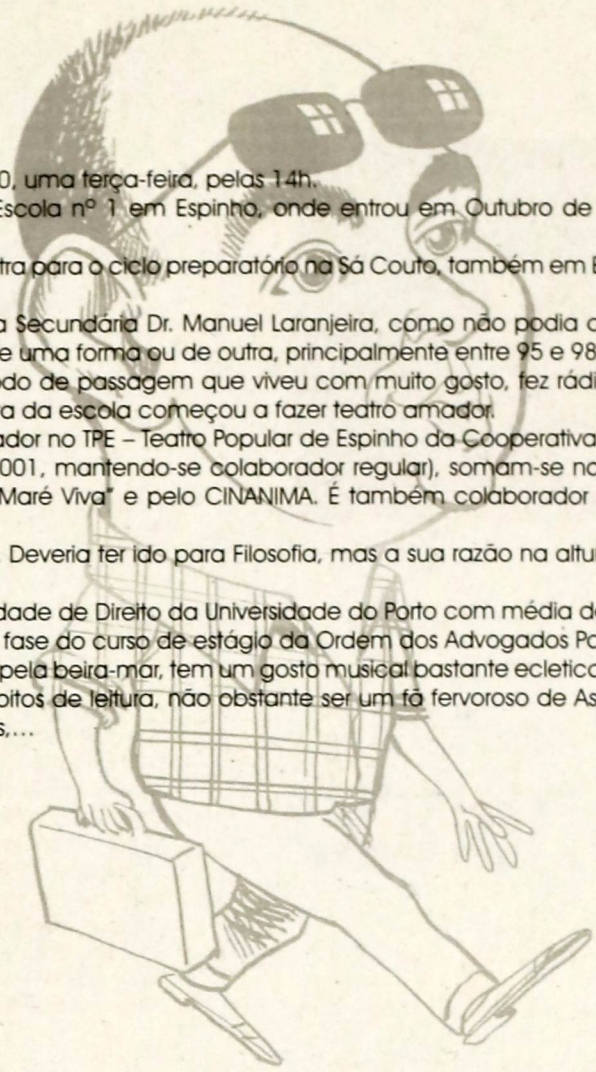
   Secção A – Fotografia a preto e branco
   Secção B – Fotografia a cores
4. Neste concurso não serão aceites imagens com manipulação digital.
5. Normas de apresentação: Provas em papel em formato compreendido entre (18 x 24 cm) e (30 x 40 cm), contendo no verso, em letra bem legível, o pseudónimo do concorrente e o título do trabalho.
6. Juntamente com os trabalhos deverá ser entregue um envelope fechado contendo no exterior o pseudónimo e os títulos das obras e no interior a ficha de inscrição, devidamente preenchida e fotocópia do bilhete de identidade.
7. Os trabalhos devem ser entregues no Departamento de Desenvolvimento Local da Câmara Municipal de Espinho, até ao dia 8 de Outubro.

   Rua do Loureiro, nº 652 - Lugar de Barros – Zona Industrial - 4500 – 634 Silvalde- Espinho Tel. 22 733 58 66
8. Um Júri, constituído para o efeito, seleccionará, em cada uma das secções, dois trabalhos que serão premiados.
9. Os prémios a atribuir pelo júri, em cada secção, serão:

   Primeiro prémio -— 250,00€
   Segundo prémio – 150,00€
10. O Júri poderá não atribuir quaisquer prémios, se entender que a qualidade dos trabalhos a concurso o não justifica.
11. O Júri poderá atribuir menções honrosas.
12. O Júri é soberano. Das suas decisões não haverá recurso.
13. A Câmara Municipal de Espinho promoverá uma exposição dos trabalhos a concurso. A exposição, que se vai realizar de 15 a 29 de Outubro na Galeria da Junta de Freguesia de Espinho, contemplará pelo menos um dos trabalhos de cada participante.
14. A entrega de prémios realizar-se-á durante a abertura pública da exposição.
15. Os trabalhos premiados ficarão propriedade da Câmara Municipal de Espinho.
16. Os restantes trabalhos deverão ser levantados, pelos seus autores, na semana seguinte ao encerramento da exposição.
17. A Câmara Municipal de Espinho poderá reproduzir fotografias apresentadas a concurso desde que sem fins lucrativos e mencionando sempre o seu autor.
18. A simples participação no concurso implica a aceitação deste regulamento.
19. Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos em definitivo pela Câmara Municipal de Espinho.

[B.I.] D'ARTESPAÇO Nº 3 Setembro 2004 - **Coordenação:** Idalina Sousa
Design Gráfico: Idalina Sousa, Oscar Rocha **Colaboraram neste número:** Armanda Alves, Rosa Gonçalves, Sílvia Sousa **Edição:** Câmara Municipal de Espinho, Divisão Acção Cultural **Impressão:** Tipografia Meneses - **Tiragem:** 500 Exemplares

poemas
de CARLOS LUÍS GAIO



nasceu a 15 de Abril de 1980, uma terça-feira, pelas 14h.
Fez a escola primária na Escola nº 1 em Espinho, onde entrou em Outubro de 1986 e saiu em Junho de 1989.
Em Setembro desse ano entra para o ciclo preparatório na Sá Couto, também em Espinho. De onde sai em 1992 para o liceu.
Os seis anos que passou na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, como não podia deixar de ser, em Espinho, forma os mais decisivos, de uma forma ou de outra, principalmente entre 95 e 98. Nesses anos de convulsão nacional e interior, período de passagem que viveu com muito gosto, fez rádio, jornais piratas, descobriu o prazer da filosofia e fora da escola começou a fazer teatro amador.
Aos quase dez anos de teatro amador no TPE – Teatro Popular de Espinho da Cooperativa Nascente (onde cessou funções como actor em 2001, mantendo-se colaborador regular), somam-se na Nascente, uma passagem pelo semanário local "Maré Viva" e pelo CINANIMA. É também colaborador da tertúlia Onda Poética desde o seu início.
Entrou para a faculdade em 1998. Deveria ter ido para Filosofia, mas a sua razão na altura decidiu-se por Direito.
É licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto com média de treze valores.
Actualmente frequenta a segunda fase do curso de estágio da Ordem dos Advogados Portugueses.
Gosta de passear ao final da tarde pela beira-mar, tem um gosto musical bastante ecleticamente selectivo, é indisciplinado no que toca a hábitos de leitura, não obstante ser um fã fervoroso de Astérix, Harry Potter, Senhor dos Anéis e Sherlock Holmes,...
... elementar.

Carlos Luís Gaio

POEMA PARA TI

Num poema
as palavras,
antes tímidas,
voam
como um bando de pássaros,
para longe,
para perto,
ou para lado nenhum,
voam, apenas.
Levam sorrisos primaveris
e lágrimas de Outono.
Nenhum poema é igual.
Todos os poemas que escrevi
diziam o mesmo,
mas nunca foram iguais.
Tu, também és um poema,
um poema escrito a tinta da china
num papel tão frágil quanto tu,
onde as rosas bailam com o vento
e a noite é feita de veludo e cristal.

Se o frio congelar o meu nariz
não quero cachecóis
nem gorros
ou camisolas de gola alta
puxadas até cima
prefiro o calor
do beijo doce
de uma mulher bonita
como tu
para que
o gelo derreta
com o rubor
dos teus lábios
não vá o meu nariz
rachar
com o frio
e cair
como o da esfinge.

E eu que não sabia que no Egipto
fazia um frio de rachar.

De repente chove.
Juntos rimos,
enquanto tentamos escapar
às gotas persistentes
que insistem
em molhar-nos.

A vida
é muito mais interessante
quando chove
e vamos a conversar
rua abaixo,
enquanto caminhamos
protegidos pelo teu guarda-chuva.

De que importa
se chove copiosamente,
se o dia se pões em tons de chumbo,
se outras preocupações me esperam,
ou mesmo
se o teu guarda-chuva
é, obviamente,
um tímido,
minúsculo
e verde
exemplar
de guarda-chuva
de senhora,
quando tenho o teu sorriso
de braço dado comigo,
e o brilho dos teus olhos
e a doçura da tua voz
vão comigo,
rua abaixo,
lado a lado.

... e aquela sintonia de abrirmos os guarda-chuva ao mesmo tempo.

Encostado ao parapeito
anseio,
tranquilamente,
o regresso das tardes claras,
perfumadas
pela frescura
do vento norte
e pelos tons quentes
dos fins de tarde à beira mar,
quando os vestígios
de um Verão que acaba
se apagam
como se devorados
por ondas
de um mar
que insiste
em não se conter
na vastidão
do seu aquário azul.
Esses dias fugazes
em que as horas
começam
a fugir dos dias
cada vez mais depressa,
enquanto
as folhas caiem,
veemente,
no chão que vamos pisando,
e ao longe,
ecoam as batidas secas
de mais uma partida de matrecos.

Essa luz azul que me cega o coração,
alumia as noites sem fim
em que descubro
o mar dos teus olhos.
E assim
desvendo labirintos de sombras
inquietas
que insistem em lutar
com o branco das paredes.
E esse azul intenso
mostra-me auroras
em que o dia,
ainda tímido,
acorda os gatos,
que brincam nos telhados,
enquanto
começa a rasgar
os vidros das janelas
com raios de uma suave manhã,
que,
lentamente,
surge no horizonte
da minha varanda.

À luz desse mar azul,
de ondas revoltas e longas,
sou pirata
sem tesouros,
naufrago
que se perde de ilha em ilha,
qual peixe
que conhece praias e recifes,
coral por coral,
grão de areia por grão de areia,
onda por onda,
ou talvez,
apenas,
uma criança
construindo castelos de areia
com as conchas do teu pestanejar
e que adormece
de cansaço
nas areias da tua praia.
e, talvez,
sejas a sereia
que afoga as palavras e linhas do meu poema,
com a voz azul dos teus olhos...

Eu sei que os teus olhos não são azuis.
E é por isso que gosto deles.
Mas nada impede que no meu poema
sejam azuis como o mar,
verdes como as folhas do jardim,
castanhos como amêndoas de chocolate,
cinzentos como o nevoeiro,
às flores como o teu guarda-chuva,
ou outra coisa qualquer.
Desde que sejam o farol do meu sentir
guiando as palavras
na tempestade branca da folha nua.

Nasci em Espinho em 1983, onde vivo. Estudei artes em Espinho e agora estudo na FBAUP, no terceiro ano do curso de pintura. Desde 1999 participo em várias exposições colectivas, sobretudo em Espinho. Recebi ainda alguns prémios e menções honrosas no concurso «Arte XXI» (em 2000, 2001e 2004) e o prémio do concurso «jovens artistas» da Escola Sec Dr. Manuel Gomes de Almeida. Comecei este ano a dar formação a crianças e jovens com aulas de pintura e bijutaria em vários projectos. Apesar de ter optado pela pintura como principal formação, sou uma apaixonada pelas diversas artes e já fiz vários workshops nas áreas da cerâmica, do vidro, da joalharia e das artes do espectáculo. Actualmente actuo no grupo de teatro Experimente e faço parte do grupo Quetzal.

Laura Bártolo

HÁ SEMPRE UMA MANEIRA DIFERENTE DE VER o mundo

D'ARTESPAÇO – Lembras-te como descobriste a pintura?

Laura Bártolo – Comecei com cerâmica, a pintar objectos, gessos, porcelana...

D'A. – Tinhas quantos anos?

L.B. – Doze... uma criancinha daquelas que aprendem em casa de um senhor... Depois optei por Artes e na oficina de Artes da Gomes de Almeida fiz várias experiências em pintura. Nessa altura entrei também num atelier particular... pronto... paixão até agora.

D'A. – Mas não foi uma coisa assim de muito pequenina... há muita gente que aos cinco, seis anos descobre um prazer particular a desenhar...

L.B. – Eu por acaso a desenhar não, mas trabalhos manuais, artes plásticas, tanto bijuterias como trabalhinhos, pinturas... gostava de tudo. Acabei por gostar mais da pintura quando tive mais contacto com ela.

D'A. – O que é que te parece fundamental para a formação de um artista plástico?

L.B. – Pintar. Pintar muito, pintar muito, ver muitas coisas. Acho que ver os trabalhos de outros artistas é muito importante, ajuda-nos a construir o nosso trabalho.

D'A. – Tu andas na Escola Superior de Belas Artes. Recomendas?

L.B. – [risos] Agora sim... para mim agora sim. Mas acho que é uma questão de sorte com os professores. Este ano estou a gostar muito, no ano passado não... houve um professor de que gostei menos, com quem não me dei tão bem... este ano estou a gostar mais, mas acho que é uma faculdade que está um bocadinho parada no tempo, precisa de se actualizar.

D'A. – Alguma contradição entre o discurso mais actual e uma prática mais conservadora?

L.B. – Sim, sim... e há muita falta de diálogo entre professores e alunos. Há muito diálogo nas aulas e durante trabalhos, mas há questões que não se tocam... Se a faculdade é uma boa faculdade, se não é... são coisas de que se fala assim por fora, mas lá dentro há... uma espécie de professores contra alunos... Não se sente que somos todos artistas no mesmo barco... é claro que há um ou outro professor que diz "Há muita coisa que precisa ser mudada!", mas não admitem bem aquilo que está mal...

D'A. – Há quem defenda que a arte não se ensina...

L.B. – Pois, eu acho que a arte, talvez não se ensine... há coisas que se podem ensinar e depois se calhar é cada um com a sua vida, com as suas histórias... que junta isso que aprende a uma personalidade.

D'A. – Para ti pintar é mais uma forma de pensar, de reflectir sobre o mundo, ou um modo de sentir?

L.B. – Se calhar é um modo de expor o que eu penso e reflicto sobre o mundo, talvez antes, antes de passar para a tela. Como se fosse uma conclusão.

D'A. – Uma tela é como se fosse uma conclusão...

L.B. – Uma conclusão dos pensamentos que eu tive antes...

D'A. – E é um acto solitário ou é um acto que tu podes partilhar desde o princípio com colegas, com amigos...

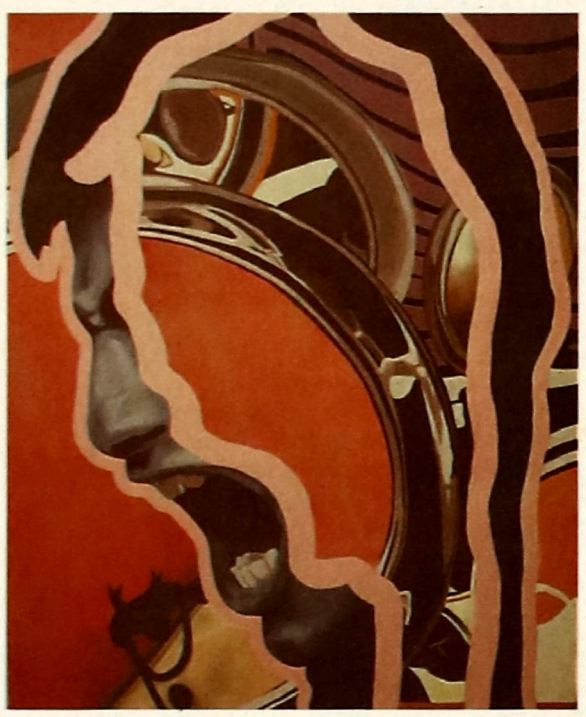
L.B. – Para mim é sobretudo um acto solitário. Ao inicio era um bocadinho difícil estar na faculdade, sobretudo com projectos livres... com aqueles que toda a gente faz igual se calhar é menos estranho, com exercícios assim académicos. Mas com os projectos livres é realmente um bocadinho estranho estar no meio de tanta gente com cada um a falar do que lhe apetece e estar a fazer uma coisa tão intima. E a expor-me tanto lá no meio, mas vou-me habituando. [risos]

D'A. – Tens algum pintor que admires particularmente na História da Arte?

L.B. – Eu gosto muito dos trabalhos da Paula Rego... contudo gosto mais de pintar do que de pintores, mas tenho um fascínio pelas coisas dela. Gosto muito da Paula Rego e Klimt, são os pintores que gosto mais.

D'A. – Temos pedido, é difícil... alguns adjectivos que ajudem a definir o artista plástico. Haverá?

L.B. – É uma pessoa que consegue passar para o campo da representação uma série de ideias que se calhar até vão na cabeça de toda a gente. Mas se calhar é aquela pessoa que é capaz de expor isso... como muitos artistas no campo do teatro, da dança também conseguem, não é? Mas nas artes plásticas é... pronto é papel... é passar para o papel. [risos]



D'A. – Achas que um artista tem que ser uma pessoa trabalhadora? Ou aquela ideia da inspiração... como é que isso funciona para ti?

L.B. – Eu acho que o artista tem que ser uma pessoa trabalhadora, porque ao trabalhar está a andar para a frente... nem que ande para trás é sempre uma evolução, porque aprende com os seus erros. Mas não quer dizer que não se trabalhe muito na cabeça e depois não se pinte um quadro em duas horas. Já me aconteceu isso muitas vezes, passar tempos e tempos a pensar num quadro e como é que faço isto e como é que faço aquilo e a dada altura o processo foi evoluindo na minha cabeça e a pintura passou para a tela rapidamente. Também acontece, esse processo ir-se desenvolvendo à medida que se vai pintando, sendo alterado e reposto e refeito e no fim resultar uma coisa completamente diferente...

D'A. – ...do que estavas à espera. Podes ou não ter um projecto inicial...

L.B. – Sim... à partida tenho um ponto de partida, uma ideia inicial que vai sendo alterada.

D'A. – Tu achas que a Arte se basta a si própria? Ou tem outros propósitos? Aquela história da arte pela arte ou da arte com objectivos sociais, por exemplo... Como é que tu te situas aí?

L.B. – Eu penso que isso é... um bocado de artista para artista... acho que se sentem satisfeitos só por pintar e há artistas que não se sentiriam satisfeitos se isso não tivesse uma intervenção social ou uma intervenção perante as pessoas que pretendem atingir com o seu trabalho.

D'A. – E tu? Pretendes atingir... pretendes comunicar...

L.B. – Varia consoante os trabalhos. Há trabalhos em que pinto para mim e há trabalhos que não... que eu gosto que façam as pessoas pensar e parar a olhar para aquilo e tentar perceber e pensar coisas diferentes daquilo que lá está.

D'A. – O teu público é importante?

L.B. – Muito, muito importante.

D'A. – De tal modo que achas que para acabar algumas obras precisas dele?

L.B. – Sim, sim tenho sempre meia dúzia de pessoas que gosto que venham ver o meu trabalho e dar uma opinião.

D'A. – Projectos para o futuro?

L.B. – Muitos projectos [risos] também ainda sou nova... mas o mais próximo é abrir uma escola cá em Espinho... de Artes, onde possam estar juntas as coisas todas que eu gosto, porque não gosto só de pintar. Gosto de teatro, gosto de cerâmica. Gosto das artes em geral, estou a especializar-me em pintura , mas tenho uma paixão por essas coisas todas. E sabe muito bem transmitir aquilo que se vai aprendendo e sentir que se está a ajudar mais alguém, mais um bocadinho...

D'A. – É a espécie de uma mini Bahaus cá em Espinho! [risos]

L.B. – É... adorava, claro! È um projecto para muito breve e tem que ir para a frente...

D'A. – E assim sonhos? Coisas mais ao nível do sonho...

L.B. – Mais loucas...[risos]

D'A. – Em termos de carreira e projectos pessoais...

L.B. – Imagino-me muito, a par com o Filipe que está mais ligado aos teatros... aí a corrermos o mundo e ir morar para outro país, para um país que valorize mais estas coisas e estarmos lá um tempo da nossa vida a explorar, pintar e criar... era agradável...

D'A. – E qual seria o país? Algum em particular?

L.B. – Neste momento por acaso falamos na Noruega.

D'A. – Na Noruega? É longe...

L.B. – É!!! Um projecto recente que eu achei muito interessante foi uma experiência muito gira para mim... dentro daquela ideia de estar a transmitir aquilo que se vai aprendendo a outras pessoas. Um projecto com um grupo de pessoas ciganas que queriam fazer a escolaridade, e precisavam de alguma coisa que os cativasse na escola. Porque na realidade a escola para eles é muito pouco útil. O interesse deles é ficar em casa ou ir vender na feira... para quê a escola? Pronto, é ler e fazer contas. E mostrar àquelas crianças e jovens outras coisas... que há outras coisas que nós podemos gostar de fazer... porque se elas só gostam de estar em casa a brincar, é porque nem têm acesso a outras coisas... e fiz com elas colares e brincos, e a dada altura elas diziam "Oh professora deixe fazer mais um e mais um", tudo assim a querer fazer... No início eram até muito... " Ai não gosto dessa cor, não gosto daquela", mas a certa altura deixaram-se levar por aquilo e já usavam as cores que não gostavam.... E foi muito giro sentir que, se mudou uma gotinha... foi muito bom.